

ESTREITO DE BAB EL-MANDEB: PALCO DE DISPUTAS GEOPOLÍTICAS

ANTÓNIO GONÇALVES ALEXANDRE

amgalexandre527@hotmail.com

Investigador colaborador no Centro de Investigação e Desenvolvimento,
Instituto Universitário Militar (Portugal).

Resumo

Situado entre o Iémen, a Nordeste, e o Djibuti e a Eritreia, a Sudoeste, o Estreito de Bab el-Mandeb é a área mais próxima entre a Península Arábica e o Corno de África e liga o Mar Vermelho ao Golfo de Áden. Com trinta e dois quilómetros de largura, o valor estratégico do Estreito de Bab El-Mandeb está associado ao facto de ser a rota marítima mais curta entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Índico.

Segundo dados da *US Energy Information Administration*, de 2019, 6,2 milhões de barris de petróleo bruto e refinado, fluíram por dia pelo Estreito de Bab el-Mandeb em direção à Europa, Estados Unidos e Ásia, em 2018. Por outro lado, um relatório da *Chatam House*, de 2017, identificou 14 *chokepoints* que considerou críticos para a segurança alimentar global, sendo o Estreito de Bab El-Mandeb um dos mais relevantes.

Pretende-se com este artigo analisar as disputas geopolíticas em curso nesta região, particularmente entre os EUA, que mantêm uma estrutura forte, e as potências emergentes, China e Rússia, que estão a posicionar-se com o intuito de reforçarem a sua presença. Os resultados mostram que essa competição, no nível global, existe e está mesmo num ciclo ascendente.

Palavras-chave

Bab el-Mandeb, rotas marítimas, comércio marítimo internacional, disputas geopolíticas

Como citar este artigo

Alexandre, António Gonçalves (2021). Estreito de Bab el-Mandeb: palco de disputas geopolíticas. *Janus.net, e-journal of international relations*. Vol12, Nº. 2, November 2021-April 2022. Consultado [em linha] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.12.2.5>

Artigo recebido em 24 Maio 2021 e aceite para publicação em 27 Setembro 2021





ESTREITO DE BAB EL-MANDEB: PALCO DE DISPUTAS GEOPOLÍTICAS

ANTÓNIO GONÇALVES ALEXANDRE

Introdução

O Estreito de Bab el-Mandeb (Figura 1) é atualmente considerado um dos quatro *chokepoints*¹ críticos para o comércio internacional do petróleo (Cunningham, 2018).

Figura 1 – Estreito de Bab el-Mandeb



Fonte: (Wood, 2018)

De acordo com Aljamra (2019), aproximadamente 57 superpetroleiros dos Estados do Golfo Pérsico cruzam o estreito todos os dias, totalizando perto de 21.000 por ano. O fluxo de petróleo através do Estreito de Bab el-Mandeb representou 9% do total do petróleo transoceânico (petróleo bruto e produtos petrolíferos refinados) em 2017. Cerca de 3,6 milhões de barris/dia (b/d) seguiram para Norte, em direção à Europa e

¹ Pontos de estrangulamento no ambiente marinho de elevado valor geoestratégico e geoeconómico que ligam importantes vias navegáveis e causam congestionamento natural ao tráfego marítimo (Popescu, 2016).

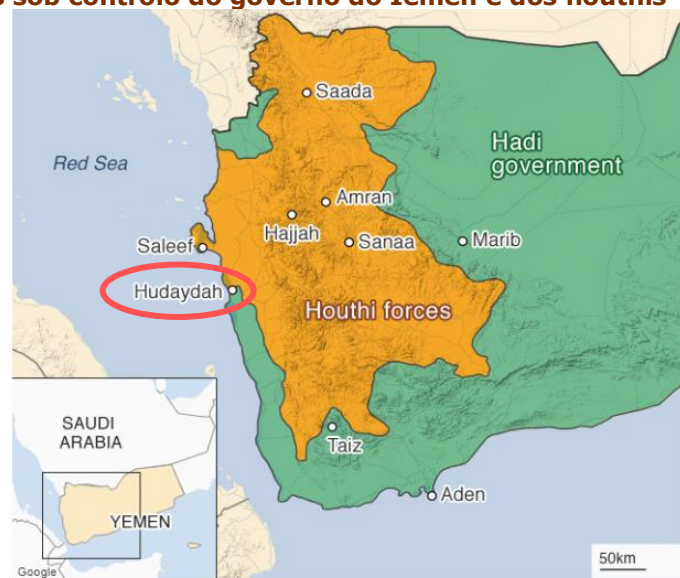


América, e 2,6 milhões de b/d fluíram na direção oposta, principalmente para a China, Índia e Singapura (EIA, 2019).

Este estreito e as águas circundantes, que Daly (2009) considerou “caóticas e perigosas”, e que Mourad (2018) referiu serem “palco de uma luta pelo poder e influência”, têm vindo a enfrentar ameaças que podem colocar em causa a liberdade de navegação. O interminável conflito no Iémen entre os rebeldes houthis, apoiados pelo Irão, e as forças do presidente Abd Rabbuh Mansur Hadi, bem como os grupos terroristas que ali atuam, são, porventura, as mais relevantes (Zaouaq, 2018).

Os Emirados Árabes Unidos (EAU), que em 2015 se juntaram à coligação saudita que se opôs ao domínio houthi no Iémen, alcançaram o domínio da ilha de Perim (situada no lado iemenita do estreito), tentando, a partir daí, expulsar as milícias houthi da extensa costa oeste. Em meados de 2019, depois de um cessar fogo mediado pelas Nações Unidas, obtiveram mesmo o controlo do importante porto de Hudaydah (Figura 2), relevante para assegurar a supremacia sobre o controlo do Estreito de Bab el-Mandeb (Aljamra, 2019).

Figura 2 – Áreas sob controlo do governo do Iémen e dos houthis



Fonte:(BBC, 2019)

A rivalidade pelo controlo do Estreito de Bab el-Mandeb faz parte de um conflito regional entre o Irão e os seus aliados xiitas, por um lado, e a Arábia Saudita e os aliados sunitas, por outro. O envolvimento de Teerão no conflito iemenita é considerado por Zaouaq (2018) como parte de uma estratégia militar mais ampla, através da qual o Irão pretende ser capaz de bloquear o tráfego da navegação mercante através dos dois importantes *chokepoints* da região (Ormuz e Bab el-Mandeb) (Figura 3). Soage (2017) apelidou mesmo este conflito de “nova Guerra Fria do Médio Oriente”.



Figura 3 – Chokepoints da Península Arábica



Fonte: (EIA, 2019)

A existência de organizações extremistas violentas com ligações à Al-Qaeda e ao Estado Islâmico (EI) levanta preocupações adicionais sobre a segurança no Estreito de Bab el-Mandeb e nos espaços marítimos adjacentes. O precedente histórico do ataque ao contratorpedeiro USS² *Cole*, em 2000, no porto de Áden, no Iémen, e o ataque ao petroleiro *Limburg*, em 2002, no Golfo de Áden, ambos reivindicados pela Al-Qaeda, simbolizam a capacidade destes grupos de colocarem em causa a segurança marítima na região. Tanto a Al Qaeda da Península Arábica (AQAP), que domina uma faixa importante de território, quanto uma pequena organização do EI, estão ativos e são motivo de preocupação acrescida (Mahmood, 2019).

Em termos metodológicos, dadas as limitações de espaço, foi necessário procedermos à delimitação da investigação, tendo por base os critérios de conteúdo, de espaço e de tempo. No atinente ao conteúdo, e não obstante a relevância que os atores não estatais inegavelmente têm, pretendemos focar-nos apenas em atores estatais, e dentro destes unicamente no nível global (EUA, China e Rússia). A opção por estes atores prende-se com o facto de os EUA serem a superpotência que tem sido hegemónica, mas que tem vindo a ser desafiada pela China, que pretende regressar a um palco onde foi dominante há vários séculos, e pelas pretensões revisionistas da Rússia, que procura recuperar a sua influência em termos internacionais, perdida com a implosão da União Soviética, em 1991. A análise centra-se no Estreito de Bab el-Mandeb espaços marítimos adjacentes (Mar Vermelho e Golfo de Áden). Em termos temporais, a investigação cinge-se aos anos mais recentes, sobretudo desde a eclosão do conflito iemenita, em 2015, até final de 2019.

O nosso argumento consiste em demonstrar que o Estreito de Bab el-Mandeb e áreas circundantes, pela relevância que têm para o comércio marítimo internacional, sobretudo de energia, são um importante palco de competição geopolítica e de

² Acrónimo que designa os navios da marinha norte-americana: *United States Ship*.



afirmação e projeção de poder das potências globais, encontrando-se as disputas entre elas em fase ascendente.

O presente artigo está dividido em três capítulos, para além da introdução e das conclusões. O primeiro aborda o enquadramento histórico da relevância do Estreito. O segundo evidencia os fatores geopolíticos conjunturais mais relevantes. O terceiro apresenta uma visão prospetiva de interações geopolíticas entre os atores em causa. Nas conclusões são elencadas as disputas geopolíticas em jogo.

1. Enquadramento histórico

Temos vindo a assistir, nos anos mais recentes, ao regresso a uma contenda geopolítica muito vincada entre as potências globais na região da Península Arábica e nos espaços marítimos envolventes. Os EUA, cuja presença tem sido regular e hegemónica ao longo dos anos, olham agora, com apreensão, para a China, com interesses (económicos e militares) crescentes na região, e para a Rússia, que procura retomar a influência que a União Soviética alcançou outrora, sobretudo durante o período da Guerra Fria (Aljamra, 2019).

Quando o Canal do Suez foi inaugurado, em 1869, a Europa e o Sudeste asiático ficaram mais próximos e o Estreito de Bab El-Mandeb ganhou maior importância. Podia navegar-se diretamente do Mar Vermelho para o Mar Mediterrâneo, pelo que a distância dos portos asiáticos aos portos europeus foi reduzida em até dois terços. A rota através do Bab El-Mandeb alcançou franca preponderância e tornou-se mesmo uma das mais cruciais em todo o mundo (Wood, 2018).

Embora o Corno de África³ tenha sido (mais) um palco de competição entre os EUA e a União Soviética durante a Guerra Fria, após o seu final e, sobretudo, depois da Batalha de Mogadíscio⁴, em 1993, a comunidade internacional pareceu ter-se desinteressado quase completamente desta região, até muito recentemente em que se inverteu essa tendência e passou a merecer uma renovada atenção generalizada. Este facto muito ficou a dever-se ao incremento significativo do comércio marítimo internacional. Para termos uma ideia, e de acordo com Pothecary (2016), quase todo o comércio marítimo entre a Europa e a Ásia, incluindo o comércio de energia, aproximadamente 700 biliões de dólares norte-americanos (USD), passou por aquele estreito em 2016.

Os principais desenvolvimentos de segurança ocorridos desde o início do século XXI (em particular o terrorismo e a pirataria marítima) e o elevado valor geoestratégico da região, prenderam a atenção de várias potências, criando uma corrida desenfreada à edificação de bases militares. No caso concreto do Djibuti, um Estado que se tornou independente em 1977, além de uma base naval francesa (que aí já existia), passou a abrigar diversas bases militares estrangeiras, incluindo uma norte-americana

³ Geograficamente compreende o Djibuti, a Eritreia, a Etiópia e a Somália (Melvin, 2019).

⁴ Que se seguiu à queda do presidente Siad Barre, em 1991. O *United Somali Congress* (USC) determinou que fosse Ali Mahadi Mahamed o seu sucessor. Fações dentro do USC opuseram-se, levando à sua divisão em dois partidos: os que apoiavam Mohamed e os que apoiavam o general Farrah Aidid. O país envolveu-se numa guerra civil sem cartela. A 3 de outubro de 1993, é levada a cabo mais uma tentativa (depois de cinco anteriores fracassadas) para capturar o general Aidid, que supostamente estaria reunido com a cadeia de comando do seu partido num edifício em Mogadíscio. Esta missão foi um enorme fracasso e resultou na morte de inúmeros militares norte-americanos (Alvarenga, 2008).

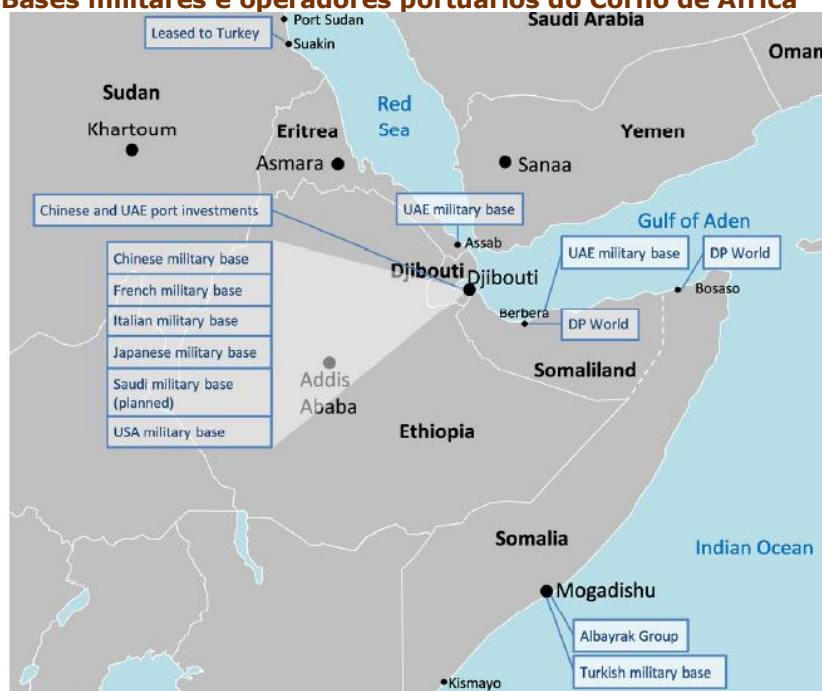


(estabelecida em 2002), uma japonesa (2011), uma italiana (2012) e uma chinesa (2017), sendo esta a primeira infraestrutura militar de Pequim no exterior (Safak, 2019).

Na década passada, vários Estados investiram em diversos portos no Corno de África, amiúde após a obtenção de acordos comerciais, com a abertura de bases militares próximas (por exemplo, a China no Djibuti, os EAU em Berbera, na Somalilândia⁵, e a Turquia em Mogadíscio, na Somália) (Berg & Meester, 2018).

O número crescente de bases militares estrangeiras (e as que já estão projetadas) (Figura 4), a par da presença assídua de elevados efetivos de diversas nacionalidades em diferentes Estados do Corno de África, evidencia a inequívoca importância do Estreito de Bab el-Mandeb, de toda a costa Sul do Mar Vermelho e do Golfo de Áden, em termos de segurança, geoeconomia e geopolítica regional (Safak, 2019).

Figura 4 – Bases militares e operadores portuários do Corno de África



Fonte: (Berg & Meester, 2018)

2. Identificação dos fatores geopolíticos conjunturais relevantes

De acordo com Nogueira (2011), os estudos geopolíticos podiam ser melhor compreendidos de forma holística se fossem tidos em conta fatores não puramente geográficos, identificando, a propósito, diversos fatores não geográficos. Todavia, para além destes fatores geográficos e não geográficos, que agrupou como “fatores estruturais”, identificou outros fatores, que designou “conjunturais”, onde incluiu, os sociais, os económicos, os políticos e os militares (Nogueira, 2011, pp. 300-303).

⁵ Incorpora o território da antiga Somalilândia Britânica. Embora pertença oficialmente à Somália, declarou unilateralmente a independência em 1991, que, todavia, não é reconhecida internacionalmente.



Neste contexto, e por necessidade de delimitação da nossa pesquisa, o presente capítulo procede apenas à identificação de fatores conjunturais, centrando-se nos principais fatores políticos, económicos e militares que influenciam a situação geopolítica e geoestratégica no Estreito de Bab el-Mandeb e espaços marítimos adjacentes, e que têm maior impacto nas relações entre os atores em causa.

2.1. Estados Unidos da América

Os objetivos globais de Washington têm-se centrado invariavelmente, ao longo dos anos, na contenção da potência que domina o "Heartland". De facto, considera Nogueira (2018) que durante a Guerra Fria o pensamento de Nicholas Spykman e de George Kenan exerceu influência decisiva na política externa norte-americana, tanto na constituição de alianças como na teoria da contenção do oponente assumido (URSS), e que, mais recentemente, geógrafos e cientistas políticos, como Cohen e Brezinski, e depois Kissinger, continuaram a centrar as suas análises na necessidade de controlo da Eurásia.

Em linha com o argumento supramencionado, Washington não deixará de evitar qualquer hegemonia na Eurásia por uma potência ou alianças de potências, designadamente China-Rússia, pretendendo, ademais, manter uma ordem internacional unipolar alcançada no pós-Guerra Fria e o *command of the sea*⁶, que o estatuto de potência marítima de excelência há muito lhe vem conferindo.

Em termos políticos, desde os ataques terroristas em solo norte-americano, em 2001, que os EUA têm vindo a desenvolver um ambicioso plano de ação contra grupos extremistas islâmicos, em diversas regiões do Médio Oriente (MO)⁷. O combate a organizações terroristas da região do Corno de África e da Península Arábica, a Al-Shabaab, na Somália, e a AQPA e o EI, no Iémen, insere-se naquele plano. Para isso, foi fundamental a instalação de uma base militar no Djibuti, a primeira no continente africano, local de origem dos drones utilizados nos bombardeamentos aéreos, devido à sua proximidade com ambas as áreas de operações (Braude, 2016).

A manutenção de um elevado número de bases militares e efetivos no Golfo Pérsico, que a Figura 5 mostra, está, aparentemente, em contraciclo com a decisão da administração norte-americana, iniciada ainda com o presidente Obama, de que depois de anos de forte investimento estratégico em todo o MO, com resultados aquém do esperado, precisavam de reduzir a sua presença na região. Este facto não deixa de poder ser visto, todavia, como um aviso inequívoco de Washington, em particular a Pequim, de que não abdica de garantir a hegemonia militar na região do Oceano Índico Ocidental. Por outro lado, a tentativa frustrada de também a Rússia vir a possuir uma base militar no Djibuti é sintomático do poder e influência que os EUA continuam a ter

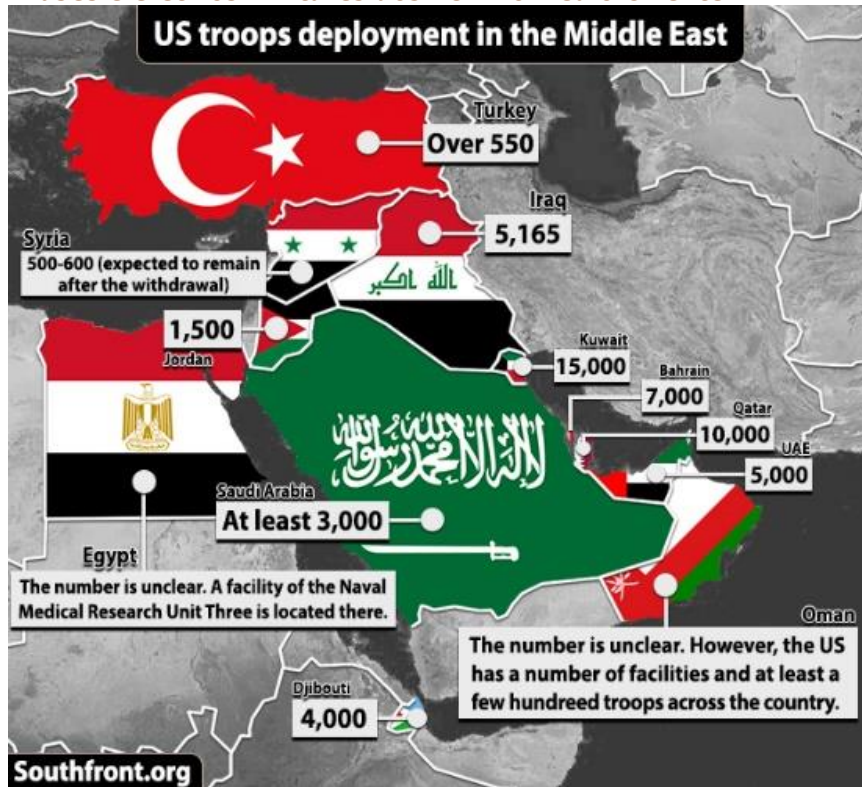
⁶ Segundo Julian Corbett (1918), o objetivo da guerra naval deve ser sempre, direta ou indiretamente, assegurar o *command of the sea*, ou evitar que o oponente o garanta.

⁷ O papel que os Estados Unidos devem desempenhar no MO tem vindo, no entanto, a ser alvo de apurada análise interna, depois de mais de uma década e meia de "guerras" que Edelman (2019) apelidou de "caras, inconclusivas e intermináveis".



na região, e um sinal claro para Moscovo de que não facilitarão relativamente às suas pretensões revisionistas⁸.

Figura 5 – Bases e efetivos militares dos EUA no Médio Oriente



Fonte: (South Front, 2019)

Em termos económicos, a Península Arábica deixou de ter a relevância que já teve no passado relativamente à necessidade de acesso a energia, uma vez que os EUA se tornaram, por via da descoberta do gás de xisto, autossuficientes e o maior produtor singular de crude, em 2019, ultrapassando mesmo a Arábia Saudita (BP, 2019). No entanto, o MO, *de per se*, permanece como uma região de enorme importância global, uma vez que está "sitiada" por diversos mares e golfos de inusitada relevância (Mar Mediterrâneo Oriental, Mar Negro, Mar Cáspio, Golfo Pérsico, Golfo de Omã, Mar Árabe, Golfo de Áden e Mar Vermelho) e por preponderantes estreitos e canais (Ormuz, Bab el-Mandeb e Suez), o que o torna, simultaneamente, uma aldraba e uma ponte entre três continentes (Europa, Ásia e África).

As preocupações de Washington centram-se agora em evitar que qualquer potência possa, através do petróleo, perturbar a economia e a segurança energética. Essa será, porventura, a razão para que, não obstante estar em plena fase de implementação a retração militar na generalidade do MO determinada pela administração Trump, a

⁸ Pese embora o argumento oficial utilizado para a proibição da construção desta base militar tenha sido que o Djibuti não queria "tornar-se o terreno para uma possível futura guerra por procuração" (Melvin, 2019).



presença norte-americana na Península Arábica e espaços marítimos envolventes se mantenha em níveis muito elevados.

Em termos militares, se as bases navais e aéreas do Golfo Pérsico⁹ garantem a capacidade de intervenção no Estreito de Ormuz e permitem uma oposição forte às eventuais tentações do Irão em interferir com o livre comércio marítimo neste *chokepoint*, a base do Djibuti¹⁰ é fundamental para que isso aconteça relativamente ao Estreito de Bab el-Mandeb. A presença norte-americana no Djibuti cumpre, ainda, um outro duplo objetivo: apoiar a coligação árabe que combate os rebeldes houthis, no Iémen, seja através de apoio logístico, seja através da disponibilização de *intelligence*; isolar e enfraquecer o Irão de modo a garantir o aniquilamento das suas tentações hegemónicas regionais.

2.2. China

Após séculos de isolacionismo e inúmeros conflitos internos, a China entrou num ciclo de forte crescimento económico e tem vindo a empenhar-se, no corrente século, sobretudo a partir de 2003, com a presidência de Hu Jintao, num processo de expansão global multidimensional, que veio a culminar, já com Xi Jinping, na definição do seu ambicioso "sonho chinês" da "grande revitalização da nação chinesa". São esses, aliás, segundo Tomé (2019), os grandes objetivos de Pequim, definidos ainda no final da década de 1970 por Deng Xiaoping, mas que se mantêm válidos. Refere Tomé (2019, p. 80) que a liderança de Xi Jinping veio apenas apresentar de forma simultaneamente "mais concreta e ambiciosa" o suprarreferido "sonho chinês", com a celebração de "dois centenários" simbólicos para o regime: o da criação do partido comunista chinês, em 2021, e o da criação da República Popular da China, em 2049. Relativamente à "grande estratégia" chinesa, considera Tomé (2019, pp. 80-81) que assenta numa estratégia de longo prazo, baseada na "*peacefull rise*" e na lógica "*win-win*", com benefícios mútuos para a China e para os seus parceiros, sem assumir qualquer postura confrontacional.

A opção de Pequim de ter bases regionais no Índico está alinhada com a mudança estratégica de transitar de potência simplesmente continental para potência concomitantemente continental e marítima¹¹, corporizada no seu Livro Branco da Defesa de 2015, em que é referido que "[a] mentalidade tradicional de que a terra supera o mar deve ser abandonada, e deve ser atribuída grande importância à gestão dos mares e oceanos e à proteção dos direitos marítimos e interesses" (The State Council of the People's Republic of China, 2015), e decorre do facto da China se ter tornado francamente aberta para o mundo, quer em termos de importações, quer de exportações.

⁹ Em novembro de 2019 o número de efetivos norte-americanos ascendia a cerca de 37.000 militares, divididos pelo Kuwait (15.000), Qatar (10.000), Bahrain (7.000) e EAU (5.000) (South Front, 2019).

¹⁰ Com um efetivo estimado em 4.000 militares em novembro passado, segundo a publicação (South Front, 2019).

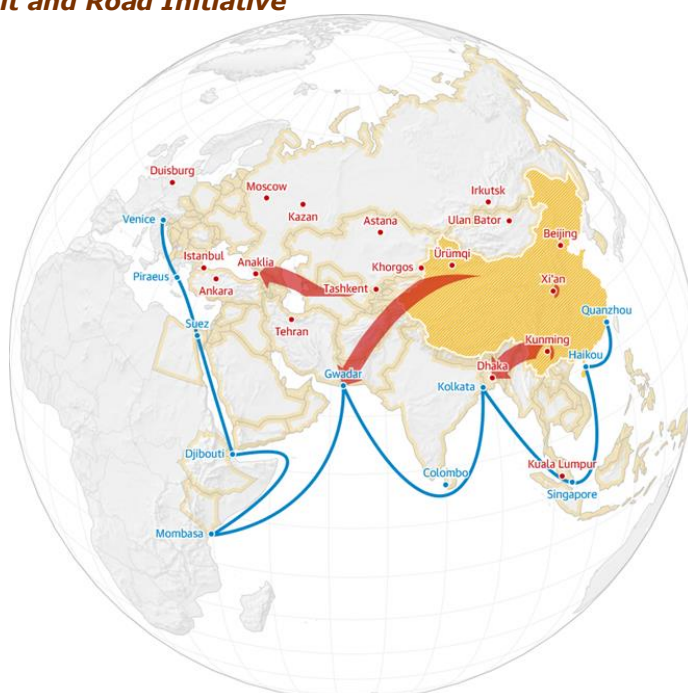
¹¹ Será a primeira vez na História que uma potência continental se transforma, cumulativamente, numa potência marítima, pondo em causa teorias geopolíticas clássicas que colocam em confronto as capacidades das potências marítimas face às potências continentais, em particular as que foram desenvolvidas por Halford Mackinder (1904 e 1919) e por Nicholas Spykman (1942).



Em termos políticos, a utilização da base militar no Djibuti¹² e a gestão do porto de Gwadar, no Paquistão, asseguram à China a profundidade estratégica de que necessita para não se manter confinada aos mares que a circundam: Mar Amarelo, Mar da China Oriental e Mar da China Meridional¹³. Isso é muito relevante já que lhe garante uma possível vantagem tática em caso de conflito futuro, dado que ambas as infraestruturas permitem maior apoio logístico à sua esquadra numa região afastada da China Continental, e, em tempo de paz, contribui para aumentar a segurança marítima numa região onde existem ameaças latentes, designadamente, conflitos entre fações oponentes (como é o caso atual do Iémen e foi, no passado recente, a Somália) terrorismo e pirataria marítima. A gestão do porto de Gwadar e a possível edificação de uma nova base militar em Jiwani, permite, ainda, estreitar os laços com o aliado tradicional de Pequim na região, o Paquistão.

Em termos económicos, a segurança das linhas de comunicação marítimas em todo o Oceano Índico Ocidental é absolutamente fundamental para as importações de energia de que a China necessita, em particular as que são provenientes dos países produtores do Golfo Pérsico, mas também de África, uma vez que Pequim está claramente apostado em diversificar o seu abastecimento. Mas essa segurança é vital para o sucesso da *Belt and Road Initiative* (BRI) Figura 6).

Figura 6 – Belt and Road Initiative



Fonte: (Kuo & Kommenda, 2018)

¹² Com um contrato de arrendamento de nove anos, as facilidades existentes permitem acomodar até 10.000 militares (Saffee, 2017).

¹³ O estabelecimento das instalações militares chinesas no Djibuti é visto do lado ocidental como a edificação de uma capacidade estratégica de implantação avançada, enquanto instrumento de uma política de promoção do aumento gradual do poder marítimo de Pequim no Oceano Índico (Henry, 2016).



A edificação da base militar no Djibuti é, pois, em rigor, o garante da segurança energética de que a China necessita para importar energia e matérias-primas e da segurança económica para exportar os seus produtos, que é crucial para o crescimento económico e a estabilidade social da China, e que Tomé (2019, p. 75) considera “[fatores] decisivos como fonte de legitimidade do regime chinês”.

Em termos militares, a base do Djibuti permite a Pequim grande projeção de poder e a expansão franca das suas capacidades navais, rivalizar de perto com a potência que tem sido dominante, os EUA, que têm instalações militares igualmente significativas a escassos quilómetros das chinesas, e incrementar o estatuto de grande potência numa região de enorme relevância geoestratégica¹⁴.

2.3. Rússia

Num discurso proferido na Conferência de Segurança de Munique, em 10 de fevereiro de 2007, Putin criticou abertamente a expansão da NATO a Leste e o posicionamento dos EUA, designadamente, a sua demanda por um mundo unipolar e o uso sem restrições da força, ao arrepio do Direito Internacional, deixando claro que a Rússia não pretendia encaixar-se nesse tipo de ordem mundial (Putin, 2007).

A este propósito, refere Tomé (2018, p. 70) que a Rússia é “uma grande potência ressurgente disposta a ocupar o seu lugar numa estrutura de poder multipolar”. Os seus objetivos globais passam, assim, pela restauração da sua “esfera de influência”, adotando comportamentos “expansionistas”, numa lógica de imposição de um “espaço vital”, outrora perdido (2018, p. 92).

Neste enquadramento, a Rússia vê a estabilidade no Sul do Iémen como uma condição essencial para o seu objetivo de desenvolver essa esfera de influência em todo o Golfo de Áden e Mar Vermelho, e almejar alcançar a preponderância que já teve no passado, sobretudo durante o período da Guerra Fria, particularmente depois de ter visto gorada a possibilidade de ter uma base militar no Djibuti. Por outro lado, as negociações para o estabelecimento de um centro logístico para apoio das forças navais russas no Sudão entraram numa fase de menor fulgor¹⁵. A opção iemenita surge, assim, com naturalidade, como a via prioritária.

Como as partes oponentes no conflito iemenita mantêm o controlo sobre áreas distintas com acesso às costas do Golfo de Áden e do Mar Vermelho - o governo reconhecido pela ONU controla a ilha de Socotra, o Conselho de Transição do Sul¹⁶ (STC) exerce a autoridade, de facto, sobre a cidade portuária de Áden e os *houthis* ocupam portos na

¹⁴ Importa reter, a título de exemplo, o papel decisivo que as infraestruturas militares do Djibuti desempenharam no processo de evacuação de 621 cidadãos chineses e 279 cidadãos estrangeiros, de 15 países, do Iémen, em 2015, na sequência do recrudescimento do conflito iemenita, o que inequivocamente mostrou a relevância de Pequim dispor de uma base logística naquela região (Melvin, 2019).

¹⁵ Muito se devendo às hesitações dos responsáveis sudaneses que pese embora tenham iniciado uma aproximação a Moscovo no final de 2017, não quererão hostilizar os EUA, depois de terem sido levantadas sanções económicas que duraram duas décadas e permitiram um desanuviamento das relações entre Washington e Cartum (McGregor, 2017).

¹⁶ Movimento armado que defende a independência do sul do Iémen. O propósito que persegue é a refundação da República Popular do Iémen, um Estado socialista que existiu desde a descolonização, em 1967, e que durante a Guerra Fria contou com o apoio da União Soviética (Ribeiro, 2018).



costa Noroeste -, a Rússia vê a política de neutralidade estratégica¹⁷ como o garante de uma futura presença duradoura na região, ainda que amiúde se envolva com as diversas fações rivais (Ramani, 2019).

É neste sentido que, em termos políticos, Moscovo tem optado por iniciativas que lhe têm granjeado reconhecimento das diversas potências regionais. No conflito iemenita, por exemplo, tem colocado em prática um arrojado plano de neutralidade entre os diversos oponentes, o que lhe permite manter em aberto a possibilidade de assumir preponderância, em sede das Nações Unidas, nas negociações de um plano de paz para o país que sirva todos os (antagónicos) interesses em presença.

Noutro âmbito, tem apostado, com êxito, num ambicioso pacote de medidas de *soft power*¹⁸ que lhe tem permitido mudar, quase radicalmente, a perceção que os Estados da região têm da Rússia.

Em termos económicos, o interesse de Moscovo em estabelecer um centro logístico na Eritreia, a ser concretizado, visa expandir o volume do comércio de produtos agrícolas e minerais em toda a região. Mas também as transações de produtos petrolíferos irão prosseguir através a rota do Suez e do Bab el-Mandeb, sobretudo enquanto a rota do Ártico não puder ser utilizada durante a totalidade do ano. Isso irá seguramente fazer aumentar a presença russa em toda a região.

Figura 7 – Localização geográfica da cidade portuária de Áden e da Ilha de Socotra



Fonte: Adaptado de Google Earth (2018)

¹⁷ Pode ser explicada, segundo Ramani (2019), por interesses materiais de Moscovo no Golfo de Aden, por aspirações de promoção de *soft power* em todo o Médio Oriente e pelo desejo de equilibrar os interesses divergentes das demais potências presentes na região.

¹⁸ A primeira, e porventura a mais relevante, está relacionada com a edificação da cadeia internacional de televisão, a *Russian Today* (RT), que possui um serviço em árabe, a *RT Arabic*, e que é já uma das três maiores redes de TV da região, juntamente com a *Al Arabiya* e a *Al Jazeera* (Suchkov, 2015). Outra iniciativa impulsionada por Moscovo é a utilização de compatriotas russos como potenciais "agentes de mudança", em particular de cônjuges russos nativos que se mudaram para a região há algum tempo. São apoiados pela Agência Federal para o Desenvolvimento Internacional russa, e o seu papel centra-se, sobretudo, na cultura, na cooperação científica, no estudo da língua russa e na promoção de laços com a diáspora russa (Suchkov, 2015).



Em termos militares, Moscovo está apostado em recuperar o estatuto de grande potência que já deteve na região, ainda no tempo da ex-União Soviética. Para tanto, é necessário garantir o acesso a bases onde outrora esteve, como o porto de Áden, no Sul do Iémen, bem perto do Estreito de Bab el-Mandeb, e a Ilha de Socotra, geograficamente situada em pleno Golfo de Áden, próxima do extremo Nordeste da Somália, na região da Puntlândia (Figura 7).

Mas a Rússia possui objetivos ainda mais ambiciosos que passam pela tentativa de ligar o Corno de África à Península Arábica. Com esse intuito, desenvolveu diversos contatos com o Djibuti para aí edificar uma base militar, sem sucesso, porém. Depois disso virou-se para a Somalilândia, projeto em desenvolvimento que, a concretizar-se, e uma vez abertas as portas do porto de Áden, lhe garantirá uma substantiva vantagem estratégica futura em redor do Estreito de Bab el-Mandeb.

3. Interações geopolíticas – uma visão prospectiva

Procuraremos agora centrar o nosso foco nas potenciais relações entre os interesses destes atores, em linha com os fatores geopolíticos conjunturais antes elencados. Da análise efetuada podemos identificar áreas de acomodação, áreas de possível conflito e áreas de conflito provável, significando, respetivamente, áreas em que é expectável que não haja conflito no futuro próximo, áreas em que em função de desenvolvimentos supervenientes poderão vir a ocorrer conflitos, e, finalmente, áreas em que o conflito está já latente. É ainda possível elencarmos relações de oposição (que são a esmagadora maioria) e de convergência (apenas percecionadas ao nível da segurança energética) entre os atores em causa.

3.1. Estados Unidos da América

No caso dos EUA, vencer a “guerra ao terror” não acarreta qualquer implicação para nenhuma das demais potências. É um desígnio de Washington desde os ataques terroristas em solo norte-americano, em setembro de 2001, e tanto a China quanto a Rússia se têm mantido à margem desta iniciativa norte-americana de levar a cabo ataques sucessivos contra *hot spots* de grupos extremistas islâmicos, na Somália como no Iémen. A garantia da segurança energética nos espaços marítimos parece, de igual modo, não causar qualquer constrangimento nas outras potências. São ambas, portanto, áreas de acomodação.

Já a iniciativa de procurar isolar o Irão e enfraquecer os rebeldes houthis, no Iémen, está em clara oposição com a política de Moscovo de manter “pontes” com os atores mais influentes no conflito iemenita, que, também por isso, não hostiliza abertamente o Irão. A retração estratégica norte-americana em curso no MO não parece ter-se estendido às diversas bases militares existentes nos diferentes espaços marítimos da Península Arábica. Todavia, se a opção de reorientar o esforço de defesa para o Leste asiático levar a um decréscimo significativo de efetivos no Oceano Índico Ocidental, isso poderá acarretar um aumento considerável da influência das outras potências na região, desde logo por ausência da potência dominante, e, no limite, a um possível incremento de disputas entre elas. Mas se a opção norte-americana por uma maior presença no Leste da Ásia não significar reduzir os efetivos nesta região, então



certamente que os EUA tentarão assegurar a hegemonia que têm mantido, o que pode entrar em conflito com os interesses crescentes tanto da China quanto da Rússia. Estamos aqui em presença de áreas de conflito possível.

As ambições hegemónicas norte-americanas na região e a tentativa de obtenção de vantagens militares num potencial conflito futuro com as demais potências, em particular com a China, assumem-se como áreas de conflito provável.

3.2. China

No atinente à China, a área relativa à proteção das importações de energia não parece colidir com nenhuma área das outras potências. Tanto os EUA como a Rússia são exportadores de energia pelo que não é expectável que possam influenciar a aquisição da energia de que a China necessita e que passa pelas rotas marítimas do Oceano Índico Ocidental (a não ser por estratégia de contenção da parte dos EUA). Esta é, por conseguinte, uma área de acomodação.

Já a proteção da BRI poderá, no futuro próximo, entrar em conflito com interesses das outras potências, sobretudo se daí resultarem dividendos substantivos para Pequim que lhe permita consolidar o papel cimeiro de potência económica e houver a tentação de canalizar uma parte significativa dos proveitos obtidos para fortalecimento do seu poder militar. Estamos aqui em presença de uma área de conflito possível.

Pretendendo assumir o estatuto de grande potência na região e equilibrar a tradicional influência de Washington, Pequim entra claramente em rota de aproximação excessiva com a potência que tem sido hegemónica na região, os EUA, e até mesmo com a potência revisionista, a Rússia, que procura regressar a um plano de grande destaque e relevância que a União Soviética já teve no passado. A utilização da Base do Djibuti para obtenção de proveitos futuros, com o intuito de alcançar vantagem tática em caso de conflito, opõe-se ao interesse norte-americano de garantir superioridade militar no topo do espetro do conflito. A transição da China de potência continental para potência simultaneamente continental e marítima entra em clara oposição com os EUA que detêm e pretendem manter a hegemonia militar no Oceano Índico Ocidental. São todas áreas de conflito provável.

3.3. Rússia

Moscovo é vista como a última das grandes potências a procurar juntar-se às demais, EUA e China, que já estabeleceram posições próximas do Estreito de Bab el-Mandeb, e a aumentar a sua influência política, militar e económica na região (Dahir, 2018).

No que diz respeito à expansão dos interesses económicos da Rússia, é pouco provável que esse alargamento levante oposição extremada por parte dos EUA e mesmo da China, desde que o grande projeto de implementação da BRI não seja colocado em causa. Esta é uma área de acomodação.

A aposta inequívoca da Rússia em privilegiar uma política robusta de *soft power* na região que lhe permita alterar a perceção que os países da região têm de si e granjear dividendos futuros, não apenas na liderança de um eventual processo de paz no



conflito iemenita, procurando isolar Washington que apoia abertamente um dos contendores, como, sobretudo, no ambicioso projeto de regressar ao Iémen e de se instalar no Corno de África, pode vir a causar uma escalada da tensão na região, em particular com os EUA, mas também com a China. Estamos em presença de áreas de conflito possível.

Por outro lado, temos vindo a assistir a uma aposta firme de Moscovo em recuperar o estatuto perdido nos espaços marítimos envolventes do Bab el-Mandeb, em linha, aliás, com o que defende Grygiel (2019), que considera o regresso da Rússia ao MO como um dos seus "três eixos de expansão". Neste sentido, Moscovo vem prosseguindo um arrojado projeto que lhe permita obter acesso permanente a bases militares no Corno de África e na Península Arábica, e uma ulterior ligação entre ambos os espaços. A acontecer, isso significaria a obtenção de uma posição extremamente relevante e vantajosa no Golfo de Áden e no Estreito de Bab el-Mandeb, rivalizando claramente com as duas outras potências. Trata-se de uma área de conflito provável.

Conclusão

O Estreito de Bab el-Mandeb é um *chokepoint* de elevado valor geoestratégico e geoeconómico e tornou-senos últimos anos, em conjunto com os espaços marítimos adjacentes, local de intensa competição entre as potências globais ali presentes, que têm objetivos que pretendem atingir. O envolvimento destes atores e a plêiade intrincada de interesses em jogo, raramente coincidentes, produzem, sem surpresa, inúmeras relações de oposição entre eles e escassas relações de convergência, estas particularmente centradas na segurança energética.

De um modo geral, as três potências globais têm procurado consolidar a sua presença em Estados do Corno de África e do Golfo de Áden, não apenas para obterem acesso a outras regiões a partir daí, mas, também, para projetarem poder muito além das suas fronteiras naturais. O estabelecimento de uma base militar dos EUA no Djibuti, em 2002, a entrada posterior da China no Oceano Índico Ocidental, em 2017, igualmente através do Djibuti, e a tentativa da Rússia em assegurar uma presença militar contínua naqueles espaços marítimos, em particular no Iémen, são disso exemplo.

Washington querará, decerto, manter o *command of the sea* no Corno de África que o seu estatuto de potência marítima de excelência tem permitido ao longo do presente século, não sendo expectável que a retração militar norte-americana em curso em todo o MO venha a ser seguida naquela região e, conseqüentemente, nos espaços marítimos que envolvem o Estreito de Bab el-Mandeb. Neste contexto, a base militar do Djibuti assume preponderância acrescida não apenas para os EUA garantirem o controlo sobre um estreito fundamental para o comércio marítimo internacional, em particular de energia, como é o Bab el-Mandeb, mas igualmente como forma de conter qualquer tentativa expansionista da China na região, sobretudo depois de Pequim ter logrado estabelecer a sua primeira base militar fora de portas, precisamente em território do Djibuti.

A opção da China pela edificação daquela infraestrutura militar suscitou alarmes nos EUA. Por um lado, porque essa ação prejudica os interesses estratégicos norte-americanos, pondo em causa o seu domínio de longa data na região, tanto económica



quanto militarmente. Por outro lado, porque consideram que o papel até agora limitado da China na região pode ser entendido como incentivo para uma presença militar futura mais expressiva. É, de facto, expectável que tal venha a ocorrer, já que uma presença mais robusta da China no Corno de África servirá um propósito duplo: garantir a segurança da rota marítima da BRI, que atravessa o Golfo de Áden, o Estreito de Bab el-Mandeb e o Mar Vermelho; e equilibrar a tradicional influência de Washington naquela região. Neste sentido, as ações da China no Djibuti influenciarão, certamente, as suas ambições de poder na região, sobretudo quando pretende assumir-se como relevante potência marítima.

A Rússia procura, por seu lado, regressar a um patamar de influência significativa na região que já deteve no passado, enquanto União Soviética, sobretudo através do estabelecimento de pelo menos uma base militar em Áden, no Iémen, muito próxima do Estreito de Bab el-Mandeb. Esta postura revisionista colide, no entanto, com as pretensões hegemónicas norte-americanas e com a ascensão clara da China. Poderemos, pois, vir a ser confrontados, a prazo, com a coexistência de infraestruturas militares das três potências globais, separadas apenas por escassas dezenas de milhas marítimas. Será inevitável o aumento das tensões entre elas no Estreito de Bab el-Mandeb e áreas envolventes.

Os espaços marítimos do Mar Vermelho, Corno de África e Golfo de Áden tornaram-se, de facto, sucessivamente mais securitizados ao longo da última década, levando a uma militarização da região sem precedentes, com os EUA, China, e Rússia a tomarem parte muito ativa nesse processo. Todavia, o interesse destes atores em garantirem que o comércio internacional marítimo, sobretudo de energia, não é ameaçado, leva a que se possa pensar que a passagem segura no Estreito de Bab el-Mandeb não é colocada em causa, sendo esta, porventura, a única relação de convergência entre eles. No entanto, as demais relações que foi possível identificar entre as potências globais são de oposição. E é mesmo expectável que se continue a trilhar um caminho centrado num aparentemente interminável ciclo de crescimento acentuado das disputas geopolíticas na região, no nível global.

Concluimos, referindo que foi possível provar que o Estreito de Bab el-Mandeb e espaços marítimos adjacentes, em particular pela relevância que têm para o comércio marítimo internacional e pela possibilidade de afirmação e projeção de poder dos atores que aí estão presentes, são, nos dias de hoje, um importante palco de competição geopolítica das potências globais (EUA, China e Rússia), e que as disputas entre elas se encontram em fase ascendente.

Referências

Aljamra, H. (2019). *Bab-El-Mandeb, Gateway to the Red Sea: the World's Most Dangerous Strait*. Consultado em 27 nov. 2019. Disponível em: <https://insidearabia.com/bab-el-mandeb-gateway-to-the-red-sea-the-worlds-most-dangerous-strait/>

Alvarenga, H. (2008). *Batalha de Mogadíscio*. Lisboa: Academia Militar.

Bailey, R. & Wellesley, L. (2017). *Chokepoints and Vulnerabilities in Global Food Trade*, London: Chatam House. The Royal Institute of International Affairs.



- BBC (2019). *Yemen crisis: Why is there a war?*. Consultado em 10 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-29319423>
- Berg, W. v. d. & Meester, J. (2018). *Ports & Power: the securitisation of port politics*. Consultado em 25 nov. 2019. Disponível em: https://globalmaritimehub.com/wp-content/uploads/2018/10/Ports_and_Powers.pdf
- BP (2019). *Statistical Review of world energy*, s.l.: s.n.
- Braude, J. (2016). *Djibouti is Jumping*. Consultado em 30 dez. 2019. Disponível em: <https://www.fpri.org/article/2016/03/djibouti-is-jumping/>
- Cooper, Z. (2018, março). Security Implications of China's Military Presence in the Indian Ocean. *China's Maritime Silk Road. Strategic and Economic Implications for the Indo-Pacific Region*, pp. 26-29.
- Corbett, J. S. (1918). *Some Principles of Maritime Strategy*. London: Longmans, Green and CO.
- Cunningham, N., 2018. *The 4 Key Chokepoints For Oil*. Consultado em 19 dez. 2019. Disponível em: <https://oilprice.com/Energy/Energy-General/The-4-Key-Chokepoints-For-Oil.html>
- Dahir, L. A. (2018). *Russia is the latest world power eyeing the Horn of Africa*. Consultado em 17 fev. 2020. Disponível em: <https://qz.com/africa/1377434/russias-sergey-lavrov-confirms-plans-for-logistics-base-in-eritrea/>
- Daly, J. (2009). *Naval Choke Points and Command of the Sea*. Consultado em 16 novembro 2019. Disponível em: <https://www.worldpoliticsreview.com/articles/3378/naval-choke-points-and-command-of-the-sea>
- Edelman, E. (2019). *The US Role In The Middle East In An Era Of Renewed Great Power Competition*. Consultado em 20 dez. 2019. Disponível em: <https://www.hoover.org/research/us-role-middle-east-era-renewed-great-power-competition>
- EIA (2019). *The Bab el-Mandeb Strait is a strategic route for oil and natural gas shipments*. Disponível em: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=41073#> Consultado em 25 nov. 2019.
- Grygiel, J., 2019. *Russia's Return To The Middle East*. Consultado em 14 janeiro 2020. Disponível em: <https://www.hoover.org/research/russias-return-middle-east>
- Henry, J. (2016). *China's Military Deployments in the Gulf of Aden: Anti-Piracy and Beyond*. Consultado em 17 fev. 2020. Disponível em: <https://www.ifri.org/en/publications/notes-de-lifri/asiae-vision/chinas-military-deployments-gulf-aden-anti-piracy-and>
- Kuo, L. & Kommenda, N. (2018). What is China's Belt and Road Initiative?. *The Guardian*.



- Mahmood, O. S. (2019). *Competition, Cooperation and Security in the Red Sea*. Addis Ababa: Institute For Security Studies.
- Mackinder, H. J. (1904, Abril). The Geographical Point of History. *The Geographic Journal*, Vol. 23, Nº 4, pp. 421-437.
- Mackinder, H. J. (1919). *Democratic Ideals and Reality. A Study in the Politics of Reconstruction*. New York: Henry Holt And Company.
- McGregor, A. (2017). *Will Khartoum's Appeal to Putin for Arms and Protection Bring Russian Naval Bases to the Red Sea?*. Consultado em 17 fev. 2020. Disponível em: <https://jamestown.org/program/will-khartoums-appeal-putin-arms-protection-bring-russian-naval-bases-red-sea/>
- Melvin, N. (2019). *The Foreign Military Presence in The Horn of Africa Region*, s.l.: SIPRI.
- Mourad, H. (2018). *The scramble for the Red Sea*. Consultado em 30 nov. 2019. Disponível em: <http://english.ahram.org.eg/NewsContentP/44/313355/Analysis/The-scramble-for-the-Red-Sea.aspx>
- Nogueira, J. (2011). *O Método Geopolítico Alargado*. Lisboa: IESM.
- Nogueira, J. (2018). *A Geopolítica do início do século XXI - A América do Sul em contexto*. Curitiba: CRV, Curitiba, Paraná.
- Popescu, A. I. C. (2016) Control of Key Maritime Straits - China's Global Strategic Objective. *Supplement Geostrategic Pulse, issue nº 225*, pp. 3-22.
- Pothecary, J. (2016). *Dangerous Waters: The Situation in the Bab el-Mandeb Strait*. Consultado em 20 nov. 2019. Disponível em: <http://cimsec.org/dangerous-waters-situation-bab-el-mandeb-strait/29508>
- Putin, V. (2007). *Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy*. Consultado em 6 mar. 2020. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>.
- Ramani, S. (2019) *Russia's Strategic Balancing Act in Yemen*. Consultado em 29 novembro 2019. Disponível em: <https://agsiw.org/russias-strategic-balancing-act-in-yemen/>
- Ribeiro, J. R. (2018) *Combates em Áden abrem nova frente de batalha na guerra do Iémen*. Lisboa: Público.
- Safak, Y. (2019) *Djibouti bases at Red Sea strait show outsize value*. Consultado em 29 nov. 2019. Disponível em: https://hiiraan.com/news4/2019/Jan/161794/djibouti_bases_at_red_sea_strait_show_outsize_value.aspx
- Saffee, A. (2017) *Chinese Naval Base in Djibouti: Possibilities and Implications*, s.l.: s.n.
- Soage, A. B. (2017) *What is really behind the Saudi-Iranian cold war?*. Madrid: Instituto Español de Estudios Estratégicos.



South Front (2019) *Map Update: Us Troops' Deployment In The Middle East*. Consultado em 29 jan. 2020. Disponível em: <https://southfront.org/map-update-us-troops-deployment-in-the-middle-east>

Spykman, N. J.(1942) *America's Strategy in World Politics. The United States and the Balance of Power*. New York: Harcourt, Brace and Company, Inc..

Suchkov, M. A. (2015) *Russia turns to soft power in the Middle East*. Consultado em 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/04/russia-middle-east-soft-power.html>

The State Council of the People's Republic of China (2015) *White Paper - China's Military Strategy*. Consultado em 15 jan. 2020. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2015/05/27/content_281475115610833.htm

Tomé, L. (2018, Dezembro). Geopolítica da Rússia de Putin. Não é a União Soviética, mas gostava de ser.... *Relações Internacionais*, pp. 069-099.

Tomé, L. (2019). Espaço "Indo-Pacífico": o Fator China e Motivações Geopolíticas. *Nação e Defesa*, Nº 151, pp. 66-100.

Wood, C., 2018. *A focal point of money, oil and power*. Consultado em 20 nov. 2019. Disponível em: <https://www.TheTrumpet.com/17645-Bab-el-Mandeb-The-Gate-of-Tears>

Zaouaq, K. (2018). *Bab El-Mandeb Strait: a Threatened Strategic Passage*. Consultado em 26 nov. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327058303_Bab_El-Mandeb_Strait_a_Threatened_Strategic_Passage